

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$25 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 35 (125) — 11-11-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

A crise do fascismo

Enquanto que uma certa imprensa redobra de esforços na apologia do fascismo, o que é certo é que êle atravessa, neste momento, uma crise profunda.

Na Itália, uma parte da opinião pública aceitou o fascismo, na doce esperança de que, uma vez transformado em governo, acabariam os actos de violência e as arbitrariedades, tanto mais que as vítimas dessa nova epidemia não eram só os socialistas, os sindicalistas e os anarquistas, mas também os clericais e os burgueses liberais e democratas.

Mussolini respondeu, um dia destes, na Câmara, àqueles que lhe reprovam as violências e as arbitrariedades, nos seguintes termos:

«Os senhores já viram, na superfície da terra, um governo, qualquer que êle seja, procurar a felicidade de todos os seus governados? Eis a quadratura do círculo. Todo o governo, ainda que fosse dirigido por criaturas que participassem da sabedoria divina, desde que tome qualquer medida, essa medida há-de fazer descontentes. E como queis contem esse descontentamento? Pela força. E que é o Estado? O Estado é o gendarme. Todos os vossos códigos, tôdas as vossas doutrinas e tôdas as vossas leis serão nulos, se, no momento propício, o gendarme, com a sua força física, não fizer sentir ao povo o péso indestrutível daquilo que vós determináis.»

Chama-se a isto responder ao lado da questão, ou, por outra, escamoteá-la. Num parlamento ninguém reprova o gendarme. Pelo contrário, foi o esmagamento dêste pelo bandidismo fascista que deu o poder ao ditador. Ora se, por um lado, Mussolini poderia dizer que tudo entrou na ordem e que o seu poderio é respeitado

por todos, por outro, êle sente bem que, cessando o terror ilegal, o fascismo não será mais do que uma ínfima minoria no país, sem contar que os seus partidários não querem renunciar aos benefícios materiais, nem às *chantages* e às alcavalas.

Os grandes burgueses que subvencionaram o fascismo, esperavam fechar os cordões à bolsa, uma vez que Mussolini se sentasse nas cadeiras do poder. Mas, certos fascistas não o entendem assim. Um dos jornais dêles, *L'Ora*, ousou, mesmo, publicar, ultimamente este comunicado:

«Examinamos, um dia destes, a soma recolhida pelo fascismo com as diversas contribuições dos proprietários de Pesaro e da provincia. É banal, supérfluo e inútil dizer que não sabemos como havemos de empregar todo o dinheiro que ultrapassa, caindo ao chão, os escritórios dos nossos cofres fortes!»

Alguns proprietários, especialmente, — uns felizes mortais, possuidores de muitos milhões, ofereceram-nos quantias que, comparadas com o capital que o fascismo lhes salvou, não representam mais do que um millionésimo por cento. Por esta razão, visto e considerado, que, com o sistema de *quôte* empregado por nós, não obtivemos nada, prevenimos todos os proprietários da provincia de Pesaro e Urbino que serão taxados proporcionalmente ao capital que possuem, e de molde a ficar definitivamente regularizada a situação do fascismo na nossa provincia.»

Após isto, compreende-se facilmente por que é que certos jornais conservadores se reservam sobre os novos actos do fascismo. E, mais ainda: também não nos dizem nada sobre

os famosos sindicatos fascistas que, para conseguirem aquilo que desejavam, tiveram de proceder como procedem os sindicatos socialistas.

Os patrões julgavam que, doravante, tudo lhes seria permitido; mas, coitados, despertaram, agora, dum sonho agitado. Os secretários dos 450 sindicatos fascistas resolveram «emprender uma luta sem tréguas contra os exploradores, recorrendo, se tanto for preciso, aos mais violentos meios», o que não é tranquilizador para êsses pobres exploradores, aos quais é proibido exprimir ideias eivadas «dum espírito marxista», ou «praticar o bolchevismo ao invéz». E o manifesto fascista termina assim:

«Quando uma categoria, como os industriais metalúrgicos de Torino, quer e aplica a luta socialista de classes, luta antinacional e finalmente plutocrática, nós, que não temos nenhum preconceito nem prevenção, usaremos de tôdas as nossas forças, sem excluir uma só, para obrigar essa categoria a conformar-se com o axioma: Nação, Trabalho, Equidade.»

Firmes no bom direito adquirido pelo trabalho cuidadoso e disciplinado, aceitamos a batalha que nos foi declarada pelo patronato, deixando-lhe, desde já, a responsabilidade de tudo o que houver. E nós saberemos combater com energia! E nós saberemos vencer! Pelo trabalho — pela justiça — pela Itália — entregues a nós!»

Mussolini, como feroz ditador que é, encontra-se, assim, absolutamente impotente em presença dos seus partidários. Algumas vezes apresenta o ar dum estropiado que pretende esmagar um dos mais irrequietos; mas, pouco depois, trata de lhe dar um emprego melhor.

Ora tudo isto está muito longe de representar a disci-

plina rígida que muitos jornais pretendem fazer acreditar que existe em tôda a Itália, e à qual todo o povo italiano está submetido. E, sem fundar grandes esperanças em tais sintomas, não as desdenharemos, tanto mais que a isto devemos agregar a insolúvel contradição dum pseudo chefe todo-poderoso que, em realidade, não é mais do que um prisioneiro dos seus servidores, todos êles brutos e ignorantes em extremo.

As autoridades revolucionárias

A principal razão porque tôdas as autoridades revolucionárias do mundo fizeram sempre pouca revolução é terem sempre querido fazê-la por si mesmas, pela sua própria autoridade e com a sua própria força, o que nunca deixou de produzir dois resultados: primeiro, restringir excessivamente a acção revolucionária, pois é impossível, mesmo à mais inteligente, franca e enérgica autoridade revolucionária, abarcar muitos problemas e interesses ao mesmo tempo, sendo qualquer ditadura, tanto individual como colectiva, quando composta de várias personagens oficiais, necessariamente muito limitada, muito cega, e incapaz de penetrar nas profundidades e de abranger tôda a amplitude da vida popular, — assim como é impossível ao mais poderoso navio medir a profundidade e a largura do oceano; e em segundo lugar, produzir a reacção, pois qualquer acto, legalmente imposto, de autoridade e força oficial, desperta necessariamente nas massas um sentimento de revolta.

Que devem, pois, fazer as autoridades revolucionárias—e procuremos fazer com que haja disso o menos possível—que devem elas fazer para estender e organizar a revolução? *Devem, não fazê-la por si mesmas com decretos, não impô-la às massas, mas provocá-la nelas.* Devem, não impor-lhes uma organização qualquer, mas suscitar a sua organização autónoma de baixo para cima, trabalhando à socapa, por meio da influência individual sobre as pessoas mais inteligentes e mais influentes de cada localidade, para que essa organização seja o mais possível conforme aos nossos princípios.

Nisto reside todo o segredo do nosso triunfo.

Que esse trabalho encontre dificuldades, quem duvida disso? Mas imagina-se então que a revolução é uma brincadeira infantil, e que se pode fazer sem vencer inúmeras dificuldades?

Os revolucionários socialistas dos nossos dias nada ou quase nada têm que imitar os processos revolucionários dos Jacobinos de 1793. A rotina revolucionária perdê-los-ia. Têm que trabalhar no vivo, têm que criar tudo.

MIGUEL BAKUNINE.

(Setembro de 1870).

Tradutor: NENO VASCO.

Pró-viúvas e filhos das vítimas da exploração das ANTAS

Transporte	309\$20
Fonseca	1\$00
Joaquim Lucêna	1\$00
Grupo «Os Isolados»	14\$00
Grupo «Filhos da Liberdade»	4\$00
Grupo «Propaganda Libertária»	16\$20
Costa Carvalho	10\$00
Felisberto Novais	1\$50
Grupo «A Comuna»	14\$00
A transportar	370\$90

QUESTÕES DE MOMENTO

A Acção Anarquista

Só será verdadeiramente produtiva se fôr bem coordenada por uma consistente organização

Largo tempo a organização dos anarquistas em grupos de afinidades propriamente ditos, na região portuguesa, foi quase nula, limitando-se a sua organização a dois ou três grupos que, isoladamente, pouca actividade desenvolveram.

A conferência de Alenquer veio, em parte, quebrar esse marasmo. Nessa reunião que foi grandiosa tanto pelo entusiasmo, como pela assistência, juntaram-se uns quarenta e cinco anarquistas, que se representavam individualmente uns, e outros os grupos organizados. Os seus trabalhos foram produtivos: dela saiu a União Anarquista Portuguesa.

Porém, pouco depois, nalguns anarquistas o entusiasmo esfriou, recolhendo-se à sua anterior inacção.

Muitos dos aderentes à conferência e que nela demonstraram a necessidade da acção anarquista têm feito justamente o contrário.

Pelo país fora existem alguns grupos, contituídos uns em cidades e outros nos campos, constando-se que onde a organização e propaganda é mais intensa, é no Pôrto.

Em Lisboa, onde verdadeiramente há maior número de anarquistas quase não existe organização, triste é dizê-lo; mas usamos sempre do desassombro que nos caracteriza.

Na província, a necessidade da expansão dos princípios de liberdade, parece ser melhor compreendida. Todavia não sustentamos que em Lisboa reine a desunião propositadamente. E' certo que em parte isso sucede; mas na generalidade ela é suscitada por mal entendidos e talvez por erradas formas de encarar a acção colectiva anarquista.

Na presente organização anarquista que se tem formadometiculosamente desapareceram os motivos que obrigaram alguns a retirarem-se penalizados após umas reuniões ocorridas há uns 2 ou 3 anos.

O comité de Iniciativa da Conferência estudou bem esse assunto e com tanto acerto que esses elementos perniciosos não tiveram sequer a ousadia de aderir a essa Conferência, cal-

culando, talvez que a sua adesão não seria aceita.

Podemo-lo afirmar: a U. A. P. é constituída somente por anarquistas que sempre, sem tibiezas, deram provas do seu idealismo e esforço pela causa. No seu seio há novos e velhos o que não impede que todos se mantenham à altura da sua qualidade de revolucionários. Seria ridículo, que, entre nós, houvesse diferenças, por motivo de idades.

Posto isto, pergunta-se: haverá razão para que se não unam os anarquistas?

E' nosso ponto de fé que não, demais sabendo que todos os anarquistas têm uma missão a cumprir que lhes impõe a sua própria consciência. Essa missão é a divulgação das suas ideias e, decididamente, o indivíduo isolado, por muita vontade que possua, nunca poderá produzir obra fecunda. De resto o isolado ressentir-se imediatamente desse isolamento e um anarquista cuja mentalidade deve ser, positivamente superior, reconhece que ela é, não só pernicioso para o indivíduo, como para a colectividade.

E o espírito que presidiu à realização da Conferência de Alenquer foi o de terminar com isso, evitando que elementos de acção se perdessem na inactividade, deixando de propagar as doutrinas que no fundo desejavam ardentemente propagar, mas coagidos a isso pela dispersão.

Numa sociedade em que o homem tenha atingido um grau de relativa perfeição não poderá prescindir de ser associado. E nos tempos em que vivemos muito menos o poderá deixar de ser.

A associação é uma necessidade da vida dos homens. E os anarquistas que ainda estão dispersos, reconhecem isso; e porque não se associam?

Ha tanto que fazer, principalmente neste país, onde a acção anarquista mal se faz sentir.

As nossas palavras não podem traduzir lamentações nem coacções, porque não temos esse propósito; apenas constatamos factos, deixando ao livre arbítrio de cada um a resolução

que a sua consciência lhes indicar.

Nunca como hoje a nossa acção é tam indispensável. A desmoralização, o egoísmo, o espírito brutal da autoridade que germina a forma de se reforçar, ameaçam subverter os espíritos, se não houver uma força moral que neutralize essa acção nefasta, conduzindo a humanidade para o verdadeiro caminho que a natureza lhe destinou.

O momento não é de divagações: é de realizações práticas, positivas. O romanticismo já passou; e da teoria devemos passar à prática que as circunstâncias e a evolução das ideias impõem.

Os anarquistas de todo o mundo reconheceram essa necessidade reunindo em congresso para assentar nas bases de uma coordenação—que não implica sujeição—de que o movimento anarquista internacional necessita para expansão dos princípios humanitários que todos nós, em questão, sentimos.

A U. A. P. custou, para constituir-se, imensos sacrifícios; e os anarquistas dispersos devem reforçá-la com a sua adesão, dando-lhe assim o alento de que carece.

Conhecemos alguns camaradas de vasta cultura que poderiam emparceirar connosco nesta tarefa a que nos impomos, dando a sua inteligência e os seus conhecimentos, ao anarquismo que necessita de valores morais e mentais.

Estamos crentes que esses elementos intelectuais não terão relutância em colaborar com manuais na obra de preparação dos espíritos para uma transformação social, que além de necessária é inevitável.

A inércia, parta de onde partir, nega o direito aos indivíduos de se afirmarem conscientes. E os anarquistas que, para o serem, terão de ser conscientes, negam-se a si próprios e às doutrinas que concebem se persistirem na atitude que têm mantido. As doutrinas anarquistas são de acção, combate, movimento incessante, conscientemente orientado; e os anarquistas são o reflexo das suas ideias.

Neste momento em que as sociedades estão à beira da *débaçle*, em que organismos se formam, adaptando-se às circunstâncias, para substituírem esta carcassa informe, os anarquistas que representam a maior força moral, intelectual e revolucionária não podem ficar impávidos.

Da nossa acção, a acção anarquista, depende o bem estar e o futuro dos nossos vindouros; e

da nossa incúria resulta o mal da humanidade, tornando-nos assim, sem querermos, cúmplices das instituições sociais presentes e dos políticos novos com as suas teorias brutais.

JOSE PIRÈS DE MATOS.

Do que se sabe

MAIS EXEMPLOS

Nos jornais estrangeiros, lemos, por vezes, coisas interessantes que os de cá não dizem. Assim, em fins de Outubro, lemos o que os leitores vão apreciar:

«O sr. Scheinmann, director do Banco do Estado Soviet, que chegou a Paris, disse ao correspondente da agência *Reuter* que tinha ido a Paris para negociar a renovação das relações bancárias directas entre a França e a Rússia.

«Declarou que o Banco do Estado Soviet decidiu abrir crédito imediato na importância de cincoenta milhões de rublos ouro (mais de 5 milhões de libras) a favor dos exportadores de trigo russo para França.

«Grandes ordens de pagamento russas serão da mesma forma colocadas em França.»

Em princípios de Setembro, também, entre muitas outras coisas interessantes, lemos que:

«O Conselho dos Comissários do Povo ratificou a constituição de uma Companhia Anglo-Russa para exportação e importação de matérias primas. A Companhia que começará as operações com um capital de 150.000 libras, foi fundada pelo Comissariado do Comércio Exterior e a *Arca Limitada*, segundo diz a Agência Telegráfica Russa.»

E, ainda no mesmo jornal, nós lemos:

«Os russos criaram uma nova moeda, o *Tchevontzi*, numa base ouro, e que é agora calculado num terço da moeda corrente total. Afirma-se não ser medida de pequeno alcance. O Orçamento foi equilibrado por vigorosas reduções de despesas juntamente com aumentos de impostos e de receitas das fontes naturais do país.»

Nós tínhamos vontade de nos dedicarmos ou entregarmos principalmente à propagação doutrinária das nossas ideias, fazendo por ignorar os propagadores das ideias adversas ou contrárias. Infelizmente para todos, somos forçados a perder um tempo precioso a desfazer, [não já apenas as ca-

lúnias, mas também os erros e as deturpações de que os adversários se servem para chamar ao triunfo do seu credo as massas que andem arredias ou sejam refractárias à acção social.

De facto, nós não compreendemos — para nos referirmos só ao que traduzimos agora — como é que se compreende o triunfo duma revolução, que nos querem forçar a emitir, deixando em pé o sistema bancário e capitalista, a constituição e a existência de Companhias que vivem da exploração do trabalho alheio, e a possibilidade de conservar um governo que, como todos os outros, que tem o seu orçamento anual que equilibra com aumentos de impostos que só são pagos pelo suor exclusivo dos que trabalham.

Decididamente, os que querem convencer os anarquistas, para não dizer até os sindicalistas revolucionários, a colaborar com eles e a abdicar, por «incoerentes», das ideias que professam, ou nos tomam por tolos ou são tacanhos que não compreendem que a pureza e a elevação dos nossos ideais se não coadunam com a colaboração de classes nem de governos e visam à extinção de todos os privilégios que são mantidos pela ignorância e pela exploração de que são vítimas os trabalhadores.

Que alguns destes ainda se deixem ir no lôgro, não será nossa a culpa, pois não compete, e nós não desanimamos em lho demonstrar, que a sua emancipação total só a adquirirão se a conquistarem pelo esforço próprio e desde que prescindam de qualquer tutela, por mais avançada que lhes pareça e se lhes mostre.

Que nos entendam os que nos lerem.

M. H.

Nos Operários Vidreiros e aos Trabalhadores em geral

Achando-se preso em Lisboa, no Forte de Monsanto, Grupo A., pelo motivo de delito social Eugénio Augusto Ribeiro, operário vidreiro, o qual não recebe auxílio sindical por a sua classe estar desorganizada, dirige-se este camarada a todos os trabalhadores e muito especialmente aos componentes da indústria, solicitando-lhes a sua solidariedade.

As importâncias que lhe queiram entregar, devem ser dirigidas directamente ao mesmo.

Afonso Guimarães

Afonso Guimarães foi um bom, um leal amigo e um sincero camarada.

Conhecêmo-lo em 1907, quando um grupo de homens livres lançou a ideia da fundação do Centro e Biblioteca de Estudos Sociais, das Antas. Concordando plenamente com o trabalho que se ia levar à prática, Afonso Guimarães prestou-se logo a coadjuvá-lo, entrando para a sua comissão organizadora.

Nessa época era êle tecelão, e não sabia ler nem escrever. Mas o seu entusiasmo e a sua tenacidade pelas reivindicações da classe a que pertencia, faziam dele um dos mais audazes militantes, um dos combatentes mais preciosos.

A miséria que assolava a classe, torturava-lhe a alma. Por isso, reagia, procurando erguê-la do atoleiro em que as condições impostas pela sociedade burguesa a fizeram mergulhar. Nesse árduo trabalho era auxiliado por outros militantes de muito valor e de rara energia. E, se bem que alguma coisa se conseguisse, não foi de molde a satisfazer-lhe os desejos veementes. A miséria continuava a bater-lhe à porta. A miséria e a perseguição patronal. De modo que, um dia, abandonou, no meio do seu desespero, a sua primitiva profissão, indo buscar, noutra parte, os meios de que necessitava para viver, sem nunca abandonar os seus antigos companheiros, nem desamparar o sindicato dos tecelões, ao qual prestou sempre os mais assinalados serviços.

Abraçando o ideal anarquista, concebeu facilmente que só êsse ideal pode redimir a humanidade. E, assim, batalhou, tanto quanto em suas forças cabia, pelo triunfo do Comunismo-libertário.

Logo que se declarou anarquista, até modificou, por completo, a sua vida íntima, sendo um grande auxiliar no combate a determinados costumes pouco dignificantes que infelizmente imperavam, por essa época, no populoso Bairro das Antas.

De aí para cá, os serviços que prestou à causa foram inúmeros. Não cabe, nos estreitos limites destas notas biográficas, descrevê-los todos. Citemos, apenas alguns:

A quando da abominável *traulitânia*, Afonso Guimarães, cheio de indignação e revolta contra os processos bárbaros e deshumanos dos Solari e seus seqüases, não descançava um ins-

tante. E, assim, foi um dos delegados àquela célebre reunião que se realizou na rua do Montebelo—reunião que tinha por fim apreciar o desenvolvimento das Juntas Militares que pretendiam submergir a república e aniquilar as liberdades dos trabalhadores, e de onde saiu um *Comité* que organizou 19 grupos revolucionários que, mais tarde, haviam de cooperar na destruição da monarquia proclamada no monte pedral...

Nós, os revolucionários anarquistas, devemos muito à abnegação e intrepidez de Afonso Guimarães; mas, os republicanos em geral, devem curvar-se perante a sua memória, prestando-lhe, assim, uma sentida homenagem.

E' certo que era um anarquista convicto, um anarquista que combatia todo o sistema governamental, por ser a antítese da liberdade e da felicidade humana; porém, quando êle pressentia que alguém se preparava para destruir as poucas regalias dos trabalhadores, lá se ia juntar ao seu amigo Pombalino para, em comum, prepararem a metralha com que haviam de defender essas regalias, e, por via de regra, a própria república, que, no dia seguinte, os trataria como uma madrasta!

O pensamento de Afonso Guimarães perdia-se em conjecturas sobre o futuro. A sua consciência de libertário obrigava-o a estar sempre alerta contra as eventualidades que pudessem surgir. E foi na previsão destas eventualidades que a morte o veio surpreender—e juntamente ao seu inseparável amigo, João Pombalino—roubando-o ao convívio dos camaradas e aos carinhos da esposa e dos filhos.

Descança em paz. Aqueles que ao teu lado combateram, saberão levar de vencida todos os obstáculos, fazendo triunfar a causa à qual prestaste tanto sacrifício e tanta abnegação...

LEIAM, PROPAGUEM

A Peste Religiosa

o belo folheto anti-religioso de JOAO MOST, que a *Biblioteca de «A Sementeira»* acaba de editar e pôr à venda.

Preço, \$40, pelo correio \$50.

A Liberdade

por BERNARDO LASARE
Preço \$50, pelo correio \$60.

Pedidos à: *A Comuna, A Batalha*, ou *A Sementeira*, Cais do Sodré, 86—Lisboa.

Um caso...

Declinava a tarde. Os operários saíam das oficinas e dirigiam-se para suas casas. Entre eles caminhava um homem, dos seus quarenta anos, com passo vacilante e quase a chorar. Ao dobrar uma esquina, parou, de repente, como que a recordar-se de qualquer coisa... Por fim, disse, de si para consigo:

— Devo ir para casa?

Arriçou uns passos, atou as mãos na cabeça, verteu mais umas lágrimas, e concluiu:

— Não! Não vou! Primeiro quero ver se arranjo alguma coisa para levar à minha mulher e ao meu filho. Pela manhã, quando sai, eles não tinham que comer. E devem estar cheios de fome...

Subiu a rua, na intenção de pedir uma esmola. Em sentido contrário, vinha um automóvel que, passando perto dele, lhe encheu os andrjos de lama. Dentro dele iam uns indivíduos a cantarolar. Olhando aquele quadro, o pobre trabalhador exclamou:

— Vejam como é o mundo. Naquele automóvel vão umas criaturas gastando o supérfluo, enquanto que eu, a minha esposa e o meu filho não temos com que mitigar a fome que nos devora! Que sociedade injusta é aquela em que temos a desdita de viver...

Sacudiu-se. E pensando no quadro que se desenrolou ante seus olhos, chegou a casa, sem dar por isso.

Entrou. Mas, em casa, o quadro era ainda mais aterrador. O filho, suplicava desesperadamente:

— Mãe! Dê-me pão.

— Espera por teu pai, respondia ela, com as lágrimas nos olhos.

O pobre trabalhador ouvindo estas palavras, lembrou-se do pensamento que teve, ao fundo da rua: pedir esmola. E, sem mais detença, saiu de casa, sem fazer barulho, à procura dum bocado de pão.

As primeiras criaturas a quem se dirigiu, mandaram-no trabalhar. Trabalhar!... Se era o que ele tinha feito durante o dia para ganhar um mísero salário que mal chegava para caldar... E continuou o seu caminho, sempre com a esperança de que alguém se apiedasse dele.

Depois de muito correr, foi dar a um palacete, todo iluminado. Espreitou por uma das janelas e viu uma mesa cheia de viandas, rodeada de convivas que comiam e bebiam alegremente.

Na ância de arranjar um bocado de pão, bateu à porta. Veio um criado e perguntou-lhe o que desejava. O homem disse-lhe que tinha fome, e pedia, por isso, uma esmola. O criado respondeu-lhe:

— Espere aí, que eu vou dizer ao patrão...

O trabalhador, fugindo da chuva, entrou no corredor para se abrigar. Nisto, alguns convivas, desconfiando dele, ergueram-se para o expulsar.

— Senhores!—disse o pobre operário. Eu tenho a minha esposa e o meu filho a morrerem à fome. Peço-lhes encarecidamente que me dêem um bocado de pão, que, não lhes fazendo falta, irá arrancar duas criaturas das garras da morte...

Não o deixaram concluir. Um dos convivas, gordo, anafado, com os bigodes ensoçados em molho de lagosta, vociferou:

— Nós já conhecemos essa cantiga. Rua! Rua, seu gatuno. O que você queria, era roubar-nos.

Mas o homem não se movia.

— Dêem-me um bocado de pão—suplicava. Do contrário, meu filho morrerá à fome.

— Rua, já disse—tornou e gordo. E, sem querer saber do razões nem de súplicas, deu-lhe um empurrão, no que foi imitado pelos colegas...

Cambaleante, o pobre operário atravessou a rua e foi cair junto dum casa. De dentro, vieram abrí-lo, a ver o que era. De parando-se-lhe aquele corpo humano, quase inerte e todo molhado, levantaram-no e levaram-no para casa.—? Que é que tem?—perguntaram-lhe.

— Tenho fome!—repondeu. De manhã, quando sai de casa, minha esposa e meu filho não tinham que comer. Agora, que eu procurava uma alma caridosa que me deasse um bocado de pão para lhe levar, encontrei uns brutos que, no meio dum banquete, me agrediram, fazendo-me perder os sentidos. O meu trabalho não me dá com que sustentar a família. De modo que, para que os meus não morram à fome, vim pedir.

E desatou num choro convulso. O dono da casa foi a um armário, tirou um pão e um pedaço de carne, e deu-lhos.

— Tome! Vá levar ao seu filho e à sua esposa.

O pobre, como um louco, agradeceu a dádiva, e largou a correr.

— Pão! Já levo pão para mitigar a fome ao meu filho e a minha esposa.

Chegou a casa e bateu à porta. Ninguém lhe respondeu. Abriu a janela e conseguiu en-

trar. A esposa estava deitada na cama, tendo o filho encostado aos seios.

— Pronto—gritou o trabalhador—aquí está o pão.

O mesmo silêncio.

No auge do desespero, abanou aqueles dois corpos, pegou neles: não davam sinais de vida.

— Mortos! mortos! Ah! malditi...

Não pôde concluir. Uma síncope levou-o também para a «manção dos justos.»

E é este o futuro que a «pátria» reserva aos seus filhos, àqueles que trabalham...

Maldita seja ela...

J. ALVES DE FREITAS.



União A. Portuguesa

COMITÉ NACIONAL

Tendo resolvido, em reunião extraordinária, dar início à sua nova fase de actividade, este Comité, roga a todos os aderentes a máxima atenção para as circulares remetidas, porque da livre observância das indicações que nela damos advirão os resultados que necessitamos para a integral realização do vasto programa que nos cumpre efectivar.

Dentro dos princípios estabelecidos na tese sobre «Imprensa Anarquista», aprovada na Conferência de Alenquer, o grupo Claridade, propõe-se publicar uma revista, o que bastante deve satisfazer os que sentem a necessidade da propaganda anarquista, recomendando esta União o auxílio de todos os anarquistas.

Comité de Propaganpa e Organização Anarquista no Norte.

Reuniu na passada terça-feira este Comité com a presença de todos os seus membros.

Depois de serem tratados assuntos de importância, ficou assente a realização, para breve, de uma conferência de carácter puramente anarquista. Nesta conferência, onde se terão ingressos os camaradas que tenham sido convidados, serão discutidos assuntos que se prendem com o momento social presente.

Os convites serão brevemente distribuídos.

O COMITÉ.

PRÓ-MINEIROS

de S. Pedro da Cova

Transporte 2\$00

França:

João M. Moreira 16\$15
Lúcio J. Simões 15\$20
Manuel G. Torres, José Joaquim Morêno e Benjamin P. da Silva, 3 a 7\$60 22\$80

Guarda—Barracão:

Por intermédio do catarrado e assinante de A Comuna Damião F. da Silva, cunhado do operário mineiro assassinado pelo regedor de Fânzeres a 26 d'agosto: Manuel F., negociante, António L. Veleso, B. J. Ambrósio, Faria 2.º sargento de infantaria 12, e Alberto Simões, 5 a 2\$50 12\$50
António L. Raposo 6\$00
José L. Sapateiro 3\$00
Damião F. da Silva 10\$00

Alberto Pinto, Joaquim Pinto, Octávio Pinto, Salvador Pereira, Aurélio Jesus de Melo, M. Simões, chauffeur, A. G., negociante, 7 a 1\$00 7\$00
Cezar Lopes, Alvaro Simões, M. Lopes, F. Janeiro, F. Ioverno, Anónimo, A. Bidarra, 7 a \$50 3\$50

Pôrto:

A. Rosa 5\$00

Lisboa:

J. F. Santos 2\$00
A transportar 105\$15

Public Opinion

Nas lutas que, pela livre expressão do pensamento, se tem travado na América do Norte, o maior número conta-se entre os militantes avançados das diversas escolas. Nas prisões da «livre» América jazem ainda muitos que, durante a guerra, se pronunciaram desassombadamente contra ela. Este extranho facto—pois que em todos os países os respectivos governos já soltaram os que se negaram a combater na guerra—tem feito agitar os trabalhadores desse país, tendo sido declaradas várias e importantes greves pró-amnistia geral e tendo sido criado um *General Defense Committee* e que se não tem poupado para demonstrar a necessidade de se fazer justiça aos que tem cabeça para pensar.

Public Opinion, brochura de 32 pags. que acabamos de receber, publicada por esse comité de defesa, é uma compilação das opiniões dos vários e grandes diários yankees que se tem mostrado favoráveis e defendem a necessidade de conceder amnistia geral aos presos políticos em toda a América.

A CRISE ALEMÃ

E OS

PARTIDOS POLÍTICOS

II

Os comunistas constituem um partido estatal. Se, até aqui, ainda não tiveram sucessos, atraindo os elementos do antigo militarismo prussiano — a responsabilidade não lhes pertence. A reacção fascista que, na Alemanha, existe sob o nome de *movimento populista alemão (deutsch volkisch)*, tornou-se tam forte que espera chegar ao seu objectivo por meio das suas próprios forças, renunciando, por isso, à colaboração dos comunistas. A resposta que os comunistas receberam às propostas que fizeram aos agrupamentos reaccionários, foi a publicação duma lei de excepção contra os comunistas da Baviera. Os comunistas querendo arrebanhar os nacionalistas, viram-se entalados.

A atitude nacionalista dos comunistas veio demonstrar ao governo, na sua luta pela unidade do Estado, a necessidade de os combater. E, por outro lado, o chanceler Stresemann iniciou uma guerra de destruição contra o movimento *anti-estatal*, contra o sindicalismo revolucionário e contra o anarquismo. Eis as suas declarações em Stuttgart:

«Devemos considerar o Estado em primeiro lugar. Os partidos que se opõem a ideologia do Estado, não devem existir; e não permitiremos que se brinque com a autoridade d'ele. Assim, imporemos a autoridade do Estado a quem quere que seja que procure embargar-lhe o passo. Damos a cada um, é certo, o direito de se defender por meio do Estado; e, nestas condições, todos os indivíduos nos devem conferir o direito de exigirmos d'elles o trabalho que consideramos necessário.»

Graças a esta política do novo governo, o movimento operário revolucionário devia esperar perseguições excepcionais. E, bem depressa, elas começaram. De princípio, o governo bávaro proclamou o estado de sítio, nomeando um ditador e destruindo, por meio d'ele, o governo parlamentar. Depois, veio o governo do Reich, proclamando também o seu estado de sítio e dando plenos poderes a uns poucos de generais, assistindo nós ao apogeu da ditadura militar. Os fascistas não tinham,

pois, necessidade do seu golpe de Estado contra o governo, visto que este ia ao seu encontro. O chefe fascista da Baviera, Adolfo Hitler, declarou que estava de acôrdo com a ditadura de Kahr. Ele previa já que o fascismo podia ir abertamente ao ataque. E, de facto: a ditadura militar era dirigida contra o movimento operário.

Em primeiro lugar, os jornais operários caíram sob a censura dos generais. Mesmo o *Minchner Post* — o órgão do partido socialdemocrático reformista que, por intermédio dos seus ministros no governo e dos seus representantes no parlamento, votou pelo estado de sítio — foi estrangulado. A socialdemocracia e os sindicatos reformistas não puderam desembaraçar-se dos fantasmas, a quem deram vida. A suspensão do *Minchner Post* e a dissolução dos *destacamentos de defesa* dos socialdemocratas, veio provar-nos os designios dos ditadores. E, enquanto elles procediam assim para com aqueles que os auxiliaram, as *uniões de combate* dos fascistas eram toleradas, gosando até da protecção especial da claqué militar dirigente. Na Baviera, como em muitas cidades da Alemanha, as reuniões organizadas pela F. A. U. D. eram proibidas e dissolvidas.

E é assim que o fascismo prepara, legalmente, a sua vitória definitiva. O patronato não quer deixar passar a ocasião propícia sem emprender um ataque, após outro. As posições conquistadas pela classe operária no passado, estão em riscos de ser destruídas pelos métodos económicos e políticos da violência. Os «grossos» industriais do Réno e do Ruhr pediram a anulação da jornada de 8 horas de trabalho e da lei, mesmo inofensiva, em si, dos conselhos de fábrica.

Neste intuito provocaram uma baixa sistemática do valor monetário alemão — o marco — levando o consumo da classe operária a um estado deplorável. As fábricas, atrás das fábricas, ou encerravam as suas portas, ou diminuíam a sua produção. A falta de trabalho aumentava, sendo os operários

obrigados a trabalhara, penas, 3 e 4 dias por semana. De aí, um abaixamento do nível material a um gráu catastrófico, que provocou motins desesperados, convulsões de raiva — que foram afogados em sangue pela soldadesca embriagada, protegida pelo estado de sítio.

Os representantes dos interesses políticos do capitalismo não estão tranqüilos; no entanto, continuam a explorar a máquina legislativa. Os partidos burgueses apresentaram ao Reichstag uma lei de plenos poderes, segundo a qual deve ser abolida a lei das 8 horas para que a produção alemã aumente; sem isso, a Alemanha não poderá pagar as suas dívidas. O próprio partido socialdemocrático e os sindicatos reformistas aderentes à Internacional de Amsterdão, declararam aceitar essa lei *em favor da operação e do bom nome dos alemães*. Mas os capitalistas não se reportam só a esse ataque. Stinnes, Klöckner e consortes, apresentaram-se ao comando das tropas francesas de ocupação, propondo-lhe para os ajudar a introduzir nas minas e nas forjas a jornada de antes da guerra. Esta proposta não deu nenhum resultado, porque os capitalistas franceses tiveram medo da concorrência da indústria alemã, e, por isso, não tinham nenhum interesse em aumentar a jornada de trabalho na Alemanha; mas os patrões da Rhenânia e da Westphália, notificaram, por sua conta, aos mineiros, que a jornada de trabalho seria de 8 1/2 horas no subsólo, e de 10 horas na superfície.

Tal é a situação em que se encontra a classe operária da Alemanha. Ligada pelos restritos extraordinários, tornada apática pela miséria económica, quase que permite à reacção feroz de se aproveitar do momento propício para erguer a cerviz, amarrando-a de novo e mais fortemente que nunca, à engrenagem do capitalismo.

Grandes são as faltas, bem grandes são os crimes da socialdemocracia e dos sindicatos reformistas. A revolução está fora da ordem, porque estes dois organismos tem dirigido todas as aspirações do proletariado para um caminho ilusório. Em vez da luta contra o capitalismo e contra o Estado, pregaram a colaboração com aquele e a conquista d'este. Que a colaboração com as organizações patronais é uma traição aos interesses da classe operária, eis uma verdade, mesmo admitida pelos sindicatos da tendência Hirsch-Dunker (ten-

dência liberal burguesa), que se retiraram de esta colaboração. Mas a União Geral dos Sindicatos Alemães, filiada na F. S. I. de Amsterdão, encontra-se sempre em contacto colaboracionista com o patronato!

A F. A. U. D. esteve, e está, longe de todas estas infecções reformistas e nacionalistas, er-guendo sempre, nos dias de alegria como de tristeza, a bandeira da luta revolucionária de calcasse. E na crise tual, tem-se dirigido por várias vezes à classe operária da Alemanha, levando-a, pelos seus apelos e pelos seus manifestos, a enveredar pela nobre estrada da acção directa. Assim, apellou para a classe operária, no sentido de responder a toda a tentativa do patronato para destruir a jornada de 8 horas, com a greve geral, com a *sabotage*, com a insurreição, enfim, por todos os meios de acção directa. Ao mesmo tempo, convidou todos os trabalhadores a exigir a jornada de 6 horas, caso os patrões insistissem pela jornada de 10 horas. Com essa reclamação, reduzir-se-ia a miséria dos operários sem trabalho.

As forças alemãs dirigidas umas contra as outras, são forças ilegais. Dum lado — o capitalismo brutal e a potência militar organizada, auxiliada por inúmeros fascistas bem armados; do outro, uma classe operária desenganada pelas lutas incessantes entre partidos e pelas arlequinadas políticas, esgotada pelas suas derrotas e cujas esperanças em melhores dias enfraquecem a olhos vistos.

Mas nós, sindicalistas da F. A. U. D., devemos continuar a despertar o espírito revolucionário, das massas, indicando ao proletariado alemão o caminho da luta revolucionária tal como foi traçada pela Primeira Internacional, e tal como ela é continuada pela Associação Internacional dos Trabalhadores!

A. I. T.

Labor Proletário

Só agora recebemos o primeiro número d'este *Órgão mensal dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles*. Defensor dos interesses do proletariado que se emprega nessa indústria, vem «cheio de fé nos destinos, no aperfeiçoamento e no robustecimento, não só da organização corporativa, como também da organização em geral.» Que veja coroado de bom êxito os seus intuitos, eis os nossos mais ardentes votos.

Redacção e administração: Travessa da Agua de Flor, 16-1.º — Lisboa.

Apontamentos...

A propósito ou a despropósito dos mais fúteis e dos mais insignificantes incidentes sociais, os jornalistas, os deputados, os senadores e os oradores católicos, impando de ciência infusa, vêem logo à estacada para buzinar às massas que êsses incidentes, — «verdadeiros crimes», — são filhos directos do ensino que se ministra nas satânicas escolas sem Deus!

Eu não sei, nem nunca soube, nem jamais o saberei, se êsses cavalheiros, que tam arrogantemente se permitem o desplante de discretear sobre todos os assuntos, ainda os mais escabrosos para a sua dialectica de óculos pretos, conhecem a doutrina do catecismo, dêsse catecismo com que os padres e os sacristas atoussigam o cérebro das criaturas que, voluntária ou forçadamente, são obrigadas a gramá-la. Se a conhecem, não deviam afirmar o que afirmam; e, se a não conhecem, deviam calar-se para não darem o triste e ridículo espectáculo duma ignorância provada das coisas da igreja, da santa igreja católica-apostólica-romana, aliás.

Segundo êsse catecismo, Deus encontra-se em tôda-a-parte: numa casa de prego; como num mitório público; numa repartição do Estado; como numa tasca; numa escola, como num parlamento; numa igreja, como numa cloaca; numa rua de nababos, como numa viela de prostitutas. E, nestas condições, estando Ele em tôda-a-parte, — porque é imenso, segundo a liturgia católica, porque é que não se manifesta, porque é que não impede os referidos incidentes sociais que tanta mágua causam aos carolas que teem a missão de dirigir e orientar os ingénuos que vão à missa e se confessam umas poucas de vezes por ano?

A escola sem Deus, exactamente como nós a concebemos, é uma escola puramente racional, científica e filosófica, onde se ensina às criaturas tudo aquilo que elas devem aprender — desde as primeiras letras até à filosofia, para que essas criaturas fiquem a saber de onde vêem e para onde vão. As criaturas educadas e instruídas nesta escola, possuem altas concep-

ções da vida humana: são solidárias entre si, auxiliando os outros na adversidade e revoltando-se contra tôdas as injustiças desta sociedade corrupta e decadente. Adorando o Bem, exaltando a Beleza, prêgando o Amor, odiando a autoridade e não querendo exercer a mínima função inglória de impor ao género humano as leis e os decretos arbitrários do Estado, que é a violência organizada para gerar a desigualdade social, teem uma noção da Vida totalmente diferente daquela noção que nos apresentam os diversos adaptados ao meio hipócrita, onde uns arrebetam de indigestão enquanto que outros morrem de fome aos cantos das ruas.

Mas, se o chamado crime sai destas escolas, como juram os cavalheiros a quem nos reportamos, quantos crimes teem saído da escola com Deus, dessa escola por que quebram tantas lanças? As dragonadas, a Saint-Berthélemy, a matança dos huguenotes, os inúmeros autos de fé, os assassinatos nos conventos, os *in-pace*, as torturas e a morte dos cavaleiros de La Barre, dos José Rizal, dos João Huss, dos Estêvão Dolet, dos Jerônimo de Praga, dos Ferrer, dos Ibarra, dos Damião de Góis, dos Matta e de tantos milhões de outros cuja lista seria interminável, não foram levados à prática serenamente, friamente, pelos homens que aprenderam na escola com Deus? Sim, foram. Um Torquemada, um Arbués, um Loiola, etc., etc., não foram criaturas genuinamente sanguinárias que adoravam Deus, como as crianças *adoram* os rebuçados? Ah! os frutos da escola com Deus, causam-nos horror. Porque são uns frutos que só teem acarretado males à pobre humanidade. E tanto assim, que a história da escola com Deus escorre sangue de tôdas as suas páginas...

Ora os incidentes sociais, que tanta moessa originam na cerebreira dos catoliqueiros, são o resultado lógico da acção tirânica e opressora de quem governa. Porque a tirania e a opressão nunca deram bons resultados. Ontem como hoje, as mesmas cousas produzem os mesmos efeitos. Isto é fatal. Portanto, os indivíduos que nos dizem, com uma petulância que causa dó, que os incidentes sociais, como aquele do agente Araújo, de Lisboa, são filhos do

ensino ministrado na escola sem Deus, mentem descaradamente. Se fossem lógicos, o que deviam atacar era as causas que o determinaram: a opressão, a arbitrariedade e a tirania exercidas pelo governo e pelas autoridades que o representam.

Mas não fizeram assim. Estão no seu pleno direito. E como estão no seu pleno direito, querem uma escola com Deus, sem se lembrarem que os grandes assassinos, os grandes bandidos, os grandes carrascos, os grandes malandrões e os grandes monstros saíram todos dessa escola. Todos. Sem exclusão dum só. Vejam os responsáveis pelos grandes massacres dos povos. Todos êles vieram da escola com Deus. Até os responsáveis pela última guerra, foram educados na escola de Deus... E é esta escola que os carolas querem impor por tôda-a-parte. Não! Não devemos consentir. A humanidade caminha para a sua emancipação. Caminha, lentamente, bem o sabemos. No entanto, caminha.

Quanto aos incidentes sociais, nem vale a pena falar neles: são o resultado da tirania, da arbitrariedade e da opressão dos de cima. Acabem com essas coisas e não-deverão ter como não terão de lamentar as vítimas que êsses incidentes originam.

PEDRO GUIMARÃES.

"A COMUNA" — NA PROVÍNCIA —

Mina de S. Domingos—Como complemento à minha última correspondência, aqui vá mais isto: no dia 19 do mês findo, o director das minas mandou chamar ao seu escritório a Comissão operária para lhe dizer que, «em conformidade com a resposta de Londres, a Companhia não podia aumentar aos operários mais do que 12,5 por cento nos seus salários.»

A Comissão manifestou logo o seu descontentamento, indo comunicá-lo aos seus camaradas. Na manhã do dia 20, o relêvo que devia baixar à contra-mina, encostou-se à boca do túnel, protestando e dizendo ao director que, com tam irrisório aumento, além de mal pagos, não podiam trabalhar.

O director pretendia justificar o procedimento da Companhia, chegando a dizer que, quem não estivesse satisfeito, que fosse procurar trabalho noutra parte. Mas os operários responderam-lhe ativamente. E' que já não são aqueles submissos carneiros de Panúrgio: são homens.

Em face da hostilidade, o director pediu que uma comissão,

composta de operários que soubessem ler e escrever, fosse falar com êle. Os operários designaram, então, dois dos seus camaradas de cada departamento, baixando depois à contra-mina. No dia 23 lá foram falar com S. Ex.^a O director, é claro, procurou embarrilar aquela gente com números e estatísticas que nada tinham de verdade, chegando até a dizer — oh! irrisão! — que os salários de hoje, comparados com os salários de antes da guerra, eram muitíssimo mais elevados!...

A Comissão, que já sabe com quem lida, pôs logo as cartas na mesa: os salários de hoje são ínfimos; não chegam para as necessidades mais instantes. E o aumento que a Companhia quer ceder, nada beneficia os seus operários. Quanto à tabela, aquilo não era a expressão da verdade, porquanto era impossível que uma pessoa pudesse viver, em 1914, com 750 grs. de açúcar, 1,2 litro de grão, 3 quilos de pão, etc., por mês. Aquilo nem nos tempos bíblicos da multiplicação dos pães!

Perdida a esperança por êste lado, o director começou a argumentar com a concorrência das minas *Tharxis e Rio Tinto*, de Espanha. Mas a Comissão, que não perdeu o seu norte, respondeu-lhe que não queria saber disso para nada. Se a Companhia não podia aguentar com as despesas, que fizesse o que entendesse. Eles, operários, não podiam viver assim, com aqueles salários, tendo, de mais a mais, mulher e filhos para sustentar.

Nesta altura, o director não se sentiu bem: é que êle também tem família e sabe quanto lhe custa a vida. Preguntou, então, quanto é que os operários queriam de aumento. A Comissão respondeu-lhe que, por agora, precisavam de 37,5 por cento.

Depois de mais alguma conversa, ficou resolvido o seguinte: durante o mês de Novembro, o aumento é de 12,5 por cento. Entretanto, o director escreverá para Londres, patrocinando a petição dos operários, afim dêstes obterem mais os 25 por cento que reclamam. Garantiu, mesmo, à Comissão que se empenharia para que esse aumento fosse um facto, visto que «a vida estava realmente muito cara».

Esperemos, portanto, mais um mês. Mas, enquanto os operários esperam pela resposta, é bom, é mesmo necessário que não percam a noção da solidariedade, nem deixem ao abandono a ideia da Associação.

Unidos como um só homem, serão fortes, invencíveis, até. Mas, dispersos, serão, facilmente vencidos.

Operários mineiros de S. Domingos! Não olvideis as minhas palavras. Uni-vos, solidarizai-vos e tereis tudo aquilo de que necessitardes.

A Associação é o vosso melhor baluarte para a defesa dos vossos direitos postergados.

União, e Avante!

Liber.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30.
À VENDA NESTA REDACÇÃO

A greve dos Mineiros de S. Pedro da Cova

O seu início—A sua história, pacífica e revolucionária—A sua vitória moral e material—A Solidariedade Operária :

A situação miserável dos mineiros de S. Pedro da Cova, dada a exiguidade de salários, não atingindo o máximo de 6\$50, forçava-os a uma urgente reclamação. Preparavam-se, inteligenciavam-se, quando os surpreende a suspensão dum dos seus camaradas, suspensão essa ditada e imposta pelo engenheiro-soba daquela empresa, arbitrariedade fundamentada no encontro dum mineiro dormindo, vencido pelo sono e pelo cansaço depois de 16 horas consecutivas de trabalho.

Embora com deficiente organização sindical, os mineiros dão o mais alto exemplo de solidariedade e de consciência, (que outras classes de maior preparação e entendimento sindical não teem seguido) declarou a greve geral.

A greve, foi, pois, no seu início, de carácter moral, juntando-se então as reclamações de carácter material ás que originaram a greve: a suspensão do mineiro.

Decorrem duas semanas e toma posse nova gerência das minas, não se modificando no entanto o aspecto do movimento grevista.

A cada gesto da empresa das minas corresponde uma afirmação dos mineiros e a solidariedade do operariado, que os não esquece, contribuindo para a manutenção das cozinhas comunistas, da iniciativa dos delegados da U. S. O. e delegação confederal do Norte da C. G. T. A empresa procura com o auxílio de bandalhos, como um Bota, recrutar homens para a exploração das minas.

O operariado do Norte aperta mais a sua solidariedade tomando aos seus carinhos e alimentação os filhos dos mineiros.

Todos os *trucs* da empresa vão ruindo por terra, devendo salientar-se o gesto daqueles trinta operários que a empresa arrastou, enganados, de distantes localidades, os quais, ao terem conhecimento da greve, se entregam aos grevistas cooperando na sua justa luta.

Prendem-se os mais activos militantes como agitadores, e, o movimento não desfalece.

Por tôda-a-parte e todos os dias rebentam petardos, e, caso interessante, sempre isso sucedia no meio de cerrados círculos da força, não fazendo a imprensa a estes casos o menor reparo.

E' que alguma coisa de tenebroso se premeditava entre a autoridade e a empresa.

Um dia publica a imprensa uma convocação da Patronal, para reunir na *caverna* B, para tratar da solução da greve dos mineiros.

Há optimistas acreditando ainda nas possíveis boas intenções daquela instituição secreta. Há pessimistas, e, êsses não se enganaram.

Numerosas forças seguem para S. Pedro da Cova.

E' encerrada a associação dos mineiros, fechada e selada a cozinha comunista, bem como o estabelecimento que fornecia aos grevistas; buscas em casa dos mineiros, forçando-os a andar a monte, prisões, etc., etc. Eis as resoluções da secreta reunião dos facinoras da Patronal.

Apesar de tudo a greve continua, mais intensificada ainda, dando origem estas violências ao comício do Largo da Póvoa, violentamente proibido pelas autoridades e de funestas consequências, da responsabilidade dum governador civil.

Pesando a ineficácia das perseguições e violências, a empresa procura então entrar no período de conciliação, chegando, junto com os delegados da C. G. T. e comissão de solidariedade, ao estabelecimento das bases de acôrdo que seguem, entre o pessoal e a empresa, ficando assim solucionada a tam prolongada greve dos mineiros.

«Admissão completa de todo o pessoal aos seus respectivos logares; cumprimento integral do horário de 8 horas de trabalho. Sobre as reclamações de ordem material, foram feitos aumentos que variam entre 2\$50 e 3\$50, ficando para os mineiros estabelecida uma única classe, com o mínimo de 10\$00. As regalias que tinham antes da greve continuam de pé.»

Comissão central pró-solidariedade aos mineiros de S. Pedro da Cova—Nota oficiosa

Em virtude de compromissos de ordem material que êste organismo tem a solver, motivados pelas importantes despesas feitas com as cozinhas comunistas que mantinham em S. Pedro da Cova, Monte Aventino e Rio Tinto, bem como com o sustento e mais despesas com

17 presos que às ordens da autoridade estiveram 8 dias nas prisões desta cidade, despesas que chegaram a atingir mil e quinhentos escudos por dia, e apesar de ter terminado a greve que se arrastava há já mais de 10 semanas, como consta da nota oficiosa do respectivo sindicato, todos os trabalhadores do Pôrto e Gaia devem hoje, como de costume, retirar das suas magras férias uma parcela para que esta comissão possa saldar, como é mister, os seus

compromissos. Esta comissão vai enviar a todos os sindicatos uma circular sobre o assunto e ainda oportunamente publicará os mapas da receita e e despesa.

Que todos os trabalhadores saibam cumprir o seu dever de Solidariedade, eis o que é preciso!»

Nota—Nesta redacção recebem-se quaisquer importâncias, para êste fim.

Na Bulgária :

A ACÇÃO DOS ANARQUISTAS

Os acontecimentos na Bulgária sucederam-se com uma rapidês fulminante; e nós não pudemos dar a tempo um quadro claro da situação daquele país, apesar do sentido do movimento insurreccional se nos ter apresentado bem claro desde o seu princípio. Foram revoltas de camponeses e de operários contra a repressão que se desencadeou sobre todo o país, — um movimento de sobressalto contra a reacção governamental.

Depois do golpe de Estado de 9 de Junho, a burguesia, apoderando-se do poder, formou o bloco negro da reacção. Quando o govêrno agrário Stambulisky foi derrubado pelos partidos burgueses, não somente êstes últimos se apropriaram do poder, mas também apertaram mais sólidamente o círculo de violência, levantando-se como uma barreira invencível no caminho da revolução. Stambulisky, matando sem nenhum julgamento os revolucionários, e em particular os anarquistas, não era um carrasco bastante fiel à burguesia; e julgando-o em união tácita com os «comunistas» autoritários, o bloco nacional matou-o para continuar, êle próprio, a luta contra o perigo da esquerda.

E a reacção não tardou em tomar um novo *étan*. Foi o govêrno de Zankof que ocupou o lugar sanguinário de carrasco.

A 12 de Setembro, o govêrno declarou fora da lei o partido «comunista» búlgaro. Todos os clubes operários foram fechados; a imprensa revolucionária amordaçada, procedendo-se às prisões em massa.

O jornal anarquista *Rabotnitscheska Missal* (O Pensamento Operário), que se publicava nesta data legalmente, foi confiscado.

Dois dias mais tarde, em Sofia, uma reunião de operários foi dispersa pela força armada; neste conflito foram mortos dois polícias. Então, as autoridades começaram a perseguir encarniçadamente «os comunistas» e os anarquistas em todo o país. Ao terror do govêrno, os operários e os camponeses responderam com as revoltas. Um movimento insurreccional sacudiu tôda a Bulgária. Rebentaram revoltas em Stara-Zagora, Nova-Zagora, Kazanlik, nos arredores de Plovdiv, T. Pazardjik, etc. As autoridades tentaram reprimir o movimento pela força militar. Mas as revoltas sucederam-se. Nas regiões de Vratza, Berkovitz, Zom, Ferdinand e tôda a Bulgária do norte rebentaram novas revoltas. Os insurrectos tomaram muitas cidades e aldeias.

O govêrno, atacado por todos os lados, reuniu as suas forças para esmagar o movimento revolucionário. O exército não era suficiente; e as forças da reacção aproveitaram-se dos bandos de saltadores da Macedónia; êles formaram bandos fascistas, e começaram um verdadeiro morticínio de populares. No país foi proclamado o estado de sítio, e começou então uma luta entre as forças da reacção e os insurrectos. Houve muitas batalhas, e o número de mortos e feridos foi enorme. Os partidários da ordem enraivecidos, entregaram-se a excessos, que ultrapassam tôda a imaginação; muitas aldeias e cidades foram incendiadas; mulheres e mesmo crianças foram mortas pelos servidores da lei.

Perante as forças sempre crescentes do Estado, os insurrectos deviam capitular. Os exércitos tomaram, uma após outra, as diversas localidades, onde os insurrectos se tinham

fortificado. E hoje a reacção faz a sua marcha triunfal. Todos os prisioneiros feitos pelas autoridades militares são fusilados. Não sabemos ainda o número exacto de vítimas. Segundo informações, não verificadas, houve perto de 2.500 execuções na Nova Zagora, Berkovitz, Bobochevo, Zom, Vratza, etc. As prisões estão cheias de camponeses e operários revoltados. Centenas de «comunistas» e de anarquistas gemem nos cárceres. Sai-se, e fusilam-se os detidos em plena rua. A ditadura militar pôs em movimento o seu aparelho de inquisição.

Ultimamente vinte ferroviários foram fusilados por se recusarem a transportar os guardas brancos. E esta execução foi efectuada à ordem dum ministro social-democrata!

Apesar de no movimento terem tomado parte grupos de diferentes tendências (agrários, «comunistas» autoritários, anarquistas), a insurreição teve uma importância capital para a próxima revolução na Bulgária.

Foi a primeira *étape* passada pelos trabalhadores na luta contra a autoridade. Foi um grande ensaio para combater o Estado e suas forças numa grande escala. Os «comunistas» tentaram, em certas localidades tomadas pelos insurrectos, proclamar a república dos soviets, mas sem sucesso. O povo revolucionário tem pouca confiança em todos os governos, inclusive o governo «comunista». A ideia anarquista tem já as suas raízes profundas na alma do povo. E o papel dos nossos camaradas anarquistas no movimento insurreccional, é considerável.

Voltaremos em breve a falar detalhadamente neste papel, que constitui, ao mesmo tempo, um período importante da história do movimento anarquista na Bulgária.

Notemos agora unicamente os factos seguintes:

Em Stara Zagora, as autoridades prenderam em massa «comunistas» e anarquistas. Mas os militantes que ficaram em liberdade atacaram as casernas, e libertaram os seus amigos. No conflito com a policia foram mortos muitos soldados e muitos revolucionários, entre estes o nosso valente camarada Grigor Lafirof.

O grupo anarquista de Sofia lançou um apêlo aos operários para que eles formassem a sua frente própria, combatendo toda a autoridade existente, formada ou em formação. O grupo preconizou a insurreição em nome da revolução social e da anarquia.

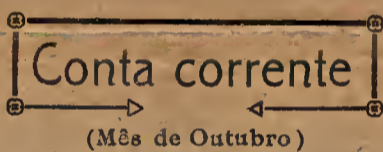
Bobochevo, uma pequena al-

deia perto de Doupnitza, esteve durante dois dias nas mãos dos nossos camaradas. Após a derrota, os camaradas de Bobochevo formando, com os camaradas de Gorna-Djoumaia uma *tcehta* (bando) que se retirou para as montanhas, e continua a luta contra as tropas governamentais. Os nossos camaradas deixaram alguns mortos, entre outros Chiuika e Teodoro Tchopof.

Sob a influência dos anarquistas, e segundo a tradição dos antigos insurrectos búlgaros, todos os combatentes vencidos retiraram-se para os Balcãs; e ao abrigo das florestas, atacam, de tempos a tempos as aldeias e cidades, para combaterem a reacção que festeja o seu triunfo.

A ditadura militar triunfou mais uma vez na Bulgária. Mas não será por muito tempo. O povo búlgaro não pode viver sob o peso da bota sangrenta, e não tardará a quebrar o jugo bárbaro da tirania zankoviana. Mais do que nunca, a revolução está iminente na Bulgária, porque será ela que abrirá a era da anarquia, única maneira de nos livrarmos do pesadelo fascista no qual está mergulhado o mundo inteiro.

G. G.



RECEITA

SUBSCRIÇÃO VOLUNTÁRIA

Pôrto — A. Ribeiro, \$50; A. Lolo, 2\$00; L. F., 1\$00; Um oficial do exército, 5\$00. Aguireira — E. Cardoso, 2\$45. Carvalhos — J. D. Baptista, 2\$50; M. P. da Mota, \$50. Lisboa — A. Dias, 2\$50. Mina de S. Domingos — D. M. L., 2\$00; Liver (venda de lápis), 12\$50. Setubal — A. Simões, 3\$00; D. Baptista, \$50. Terrugem — J. M. Mauricio, \$50. Torres Novas — J. Rebelo, 1\$40. Vila do Conde — J. F. d'Almeida, \$50. Funchal — J. M. de Jesus, 5\$00. Lourenço Marques — (Subscrição tirada por João Maria Borges): F. L. Tropa, 9\$15; A. Vieira, A. Gonçalves, B. C. Caleiro, J. J. Alves, A. da Cruz, A. de Carvalho, 6 a 10\$00 = a 6\$00; H. R. Coelho, 15\$00; J. M. Borges, 11\$20; A. V. d'Oliveira, H. A. Pinheiro, 2 a 5\$00 = a 10\$00. Abercrave (Inglaterra) — Grupo Anarquista Ferrer, 70\$00. Soma, 217\$20.

ASSINATURAS

Importâncias recebidas directamente

Pôrto — A. A. Almeida, A. Magalhães, A. Ribeiro, A. Alves, S. de Sousa, M. P. d'Oliveira, D. Baptista, 7 a 2\$00 = a 14\$00; J. da Rocha, 2\$50; J. C. Rainha, J. S. Júnior, 2 a 4\$00 = a 8\$00; J. A. D. Cunha, 5\$00; Sindicato Têxtil, 2\$05; Centro Comunista, 6\$00. Argoncilhe — M. P. da Mota, A.

Gomes, 2 a 2\$00 = a 4\$00. Aveiro — J. M. Migueis, 2\$00. Braga — A. F. Dias, \$50. Carvalhos — M. Lopes, 4\$00; M. P. da Mota, 2\$00. Espinho — Q. F. Dias, J. F. da S. Pinhal, 2 a 2\$15 = a 4\$10. Golegã — J. P. Constantino, T. Rodrigues, 2 a 2\$00 = a 4\$00; F. R. Suceia, 1\$00. Lisboa — Secção da C. C. da Palma e Arredores, 2\$05; A. P. de Lima, 2\$50; M. da C. Afonso, 4\$00. Maia — A. da S. Fafrais, 3\$00. Montemor-o-Novo — J. Bento, 2\$70. S. João do Estoril — J. C. Soares, 5\$00; A. J. Campos, 3\$00. Terrugem — Associação dos T. Rurais, J. M. L. Canhoto, J. M. Mauricio, B. S. Capela, D. Oliveira, 5 a 2\$00 = a 10\$00. Torres Novas — J. Rebelo, 3\$60. Valado — J. P. de Sousa, A. J. Santos, 2 a 2\$50 = 5\$00. Vila do Conde — S. d'Oliveira, M. R. Crús, M. G. Saraiva, M. L. da Costa, A. C. Michado, M. A. Carmelita, J. G. Camisa, J. do C. Ceia, J. F. Almeida, E. G. Saraiva, E. J. Gavina, 11 a 2\$00 = a 2\$00; M. F. Cereja, 1\$40; R. J. Ferreira, 1\$80; A. V. da Crús, 1\$00; J. J. Teixeira, 1\$40.

Açores — A. N. Silva, 10\$00. Africa — J. M. Borges, 8\$800; A. Vieira, A. Carvalha, 2 a 10\$00 = a 20\$00; F. L. Tropa, 10\$95; C. Perdigo, 16\$80; L. Loureiro, 20\$00; A. A. d'Almeida, 4\$20.

Brasil — G. R. Sardinha, 12\$00. E. U. da América — F. Pereira, J. Ferreira, M. S. Couto, 3 a 24\$70 = a 74\$10. Soma, 304\$45.

Da cobrança pelo correio: 1.320\$71.

AGENTES E VENDA AVULSO

Pôrto — Comitê A. P. (Comuns) 2\$00; Isolados, 2\$00; A. B. Guimarães, 14\$58; Liolindo, 17\$30; Venda na Redacção: 7\$40; Quiosques e Tabacarias, 89\$04. Amarante — A. da Silva, 14\$16. Aveiro — A. Graça, 6\$00. Chamusca — A. L. Cardador, 16\$80. Fronteira — Associação dos T. Rurais, 4\$00. Lisboa — C. Barreira, 20\$00; A. Rodrigues, 18\$90. Mina de S. Domingos — Liber, 46\$93. Odemira — A. Manuel, 10\$05. Olhão — C. Gregório 31\$70. Setubal — A. Simões, 80\$00. Valença do Minho — A. J. dos Santos, 15\$00. Viana do Castelo — Lúcia, 15\$80. E. U. da América — D. Teixeira, 144\$00. Soma, 556\$16. Total, 2.398\$52.

DESPEZA

Composição dos n.ºs 30, 31, 32 e 33 720\$00
Impressão, idem, 320\$00
Papel, idem, 467\$40
Selos para expedição e cobrança 206\$50
Aluguer da casa 20\$00
Luz eléctrica 7\$10
Carrêtos, 6\$00
Um telegrama para Braga 1\$74
Deficit anterior 1.768\$99
Soma 3.517\$73

RESUMO

Receita 2.398\$52
Despeza 3.517\$73

Deficit para Novembro: 1.119\$21

CORREIO DE "A COMUNA"

LISBOA — Abílio Ribeiro. Recebemos 10\$00.

J. F. Santos. Recebemos também 10\$00.

ANTOLOGIA

A cela e a freira

«Ver hoje uma cela de freiras é ver uma casa de estrado de uma nobre. Lâminas, oratórios, cortinas, sanefas, rodapés, tomados os trechos com rosas de maravalhas, banquinhas de damasco, franjadas de seda ou de ouro, pias de cristal, guarda-roupas de Holanda, caçoulas, espelhos, craveiros, mangericões ou naturais ou contrafeitos, passarinhos, cachorrinhos de manga..., jaras, ramalhetes, porcelanas, brinquinhos de saugria, figuras de alabastro ou de gesso, frutas escolhidas para corroar as molduras da alcova, ou dos contadores, perfumes, alambiques, todo o género de arame para a fábrica de doces, almários para os recolher, criadas para o ministério da casa, teto da cela com tais paisagens, relevos e pinturas, que lavram para as mãos dos oficiais as bolsas dos parentes e devotos mais ricos.»

De uma dessas freiras dá-nos um vivo retrato:

«... enche-se de melindre, impertinência e afectação na voz, nos passos, no riso, no comer, beber e vestir; finge acidentados e desmatos... toma sangrias, não para inteirar a saúde, senão para quebrar a côr, ou para dar ocasião aos estremitamentos de quem a ama, e os brincos e regalos de quem a presenteia; enjoe-lhe a pobreza e achaques das outras, despreza-se dos ministérios baixos; qualquer falta de acieio lhe revolve o estômago... Enfim vai-se convertendo em ídolo de si própria, só propicia a quem concorrer com adoração, e a incensar com perenes lisonjas, que tôdas crê e admite, por exorbitantes e ridiculas que sejam.»

«... muitas religiosas, na casa de seus pais tinham medo de não ser muito honestas, e na de Deus não o tiveram de ser adúlteras infames.»

«Pão partido em pequeninos»

P. e MANUEL BERNARDES.

La Revista Blanca

O n.º 11 desta publicação quinzenal insere o seguinte sumário:

A' volta do processo Dato: Os idealismos práticos; O despertar da mulher turca; Formas primitivas da propriedade; O vapor aplicado à navegação; Factores originais externos; A literatura espanhola; O anarquismo na Itália; O aventureiro Cagliostro; Curiosidades históricas e científicas; Mirabeau e a Revolução; Luis Buchner; Rodando pelo mundo; O último Quixote; Revisão que se impõe; Naturismo; As grandes infâmias internacionais; Comentários; Notas administrativas.

O preço de cada ex. é de 2\$00. E os pedidos podem ser feitos à Batalha, Lisboa.